

Sarney passa a exigir apoio real da Aliança

J. França

O presidente José Sarney afirmou ontem, aos líderes do Conselho Político, que a Aliança Democrática deve assumir de fato a sustentação política de seu governo. Neste sentido, recomendou o fortalecimento da Aliança como base de apoio político no Congresso Nacional em primeiro lugar. A segunda recomendação de Sarney foi de que os ministros de Estado novos e futuros, que virão com a reforma ministerial, comportem-se como membros da Aliança Democrática e não como representantes de partidos políticos de forma isolada. É a terceira, que a Aliança Democrática esteja unida nas eleições do ano que vem, para a Assembleia Nacional Constituinte.

Sarney traçou a nova estratégia política do governo, visando as eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, ao analisar na manhã de ontem os resultados finais das eleições municipais. "É preciso aprender as lições políticas das eleições do dia 15", disse o presidente.

Preocupado

Nenhum dos integrantes do Conselho Político que participou da reunião de ontem com Sarney, usou o adjetivo "preocupado". Mas o fato é que Sarney ficou apreensivo com os resultados finais das eleições de sexta-feira, nas quais a Aliança Democrática, segundo avaliação do próprio presidente da República, teve apenas "um desempenho razoável". Por isso, Sarney foi enfático, com o Conselho Político, na questão do fortalecimento da Aliança.

O presidente Sarney disse ainda que mais do que nunca é preciso ficar unido e trabalhar a unidade da Aliança, revelou o senador Carlos Chiarelli (PFL-RS), que participou da reunião. O líder do PFL no Senado disse ainda que Sarney avaliou, com os líderes, o crescimento político-eleitoral do PT e do PDT. "Não fazemos análises setoriais ou análises nominiais das eleições", acrescentou Chiarelli.

Aprendizado

Durante a reunião, o ministro Fernando Lyra, da Justiça, afirmou que o "governo teve êxito" nas eleições de sexta-feira, o que levou Sarney a contra-argumentar com a observação de que "as eleições devem levar a Aliança Democrática a um aprendizado". Em seguida, Sarney, mais enfático, declarou:

— A Aliança tem que permanecer.

Neste sentido, os integrantes do Conselho Político concluíram, juntamente com Sarney, que "é indispensável preservar, fortalecer e esquematizar uma ação conjunta entre os dois partidos que compõem a Aliança Democrática, PMDB e PFL, segundo revelações do senador Chiarelli.

Oposição

Entenderam Sarney e os líderes da Aliança Democrática, que as eleições do dia 15 definiram o quadro político da oposição à Nova República. Nesta análise, o PT e o PDT foram os dois partidos de oposição que mais cresceram, apesar do primeiro ter eleito apenas uma prefeita e o segundo dois prefeitos, respectivamente em Fortaleza, Rio de Janeiro e Porto Alegre. "O PDS desapareceu enquanto partido de oposição porque, não conseguiu vencer mais de uma Prefeitura, a de São Luís".

Quando à questão da eleição de Jânio Quadros (PTB) em São Paulo, coligado com o PFL, Chiarelli afirmou que este fato foi analisado por Sarney e os membros do Conselho Político no mesmo espaço de tempo que levaram as observações sobre as eleições do PT em Fortaleza e do seu avanço em Goiânia. Sobre Jânio Quadros especificamente, Chiarelli garantiu que "o presidente acha apenas que Jânio mostrou sua força eleitoral e, desta forma, entra no processo político. Alguém que ganha uma eleição em São Paulo é uma pessoa da qual se tem que saber o que ela pensa".



O presidente da República surpreendeu os jornalistas ao avaliar as eleições em São Luís

Presidente não discriminará

"Foi a eleição mais livre que o Brasil já teve. O governo não discriminará nenhum Estado, qualquer que tenha sido o resultado das eleições. E neste instante, desejo congratular-me com todos os eleitores e também com todos os que perderam as eleições, porque todos eles contribuíram com o fortalecimento da democracia em nosso País. A democracia se vivifica na convivência. E a violência em nada ajuda a democracia", afirmou ontem à tarde o presidente José Sarney.

Eram 17 horas. Aparentando boa disposição e bom humor, Sarney entra na sala que antecede o seu gabinete de despachos no terceiro andar do Palácio do Planalto e cumprimenta os jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas credenciados junto à Presidência. Em seguida, faz uma pequena avaliação dos resultados finais das eleições de 15 de novembro e responde a três perguntas, por inscrito. Depois, para surpresa de todos, comenta o fato do PDS ter ganho as eleições para a Prefeitura de São Luís, com a vitória de Gardênia Gonçalves. Era a primeira análise oficial de Sarney sobre o dia 15 último, para a imprensa.

Lição

Dos resultados globais de sexta-feira, Sarney afirmou que eles são mais importantes para o presidente da República do que o fato propriamente em si. "O Brasil viveu a mais livre de suas eleições. O povo, livremente, teve a oportunidade de escolher os seus candidatos, questionar e debater numa festa democrática, talvez das maiores que já tivemos neste País. Em seguida, o presidente falou da lição que o dia 15 deixou e do surgimento de novas lideranças:

— Foi a oportunidade de afirmação de novas lideranças, de consolidação de outras e ao mesmo tempo uma oportunidade do Brasil fazer uma reflexão conjunta sobre todos os seus problemas. A Aliança Democrática teve um desempenho razoável. A postura do presidente foi a de não participar da campanha. E eu acho que essa foi uma posição que ajudou o Brasil, embora o presiden-

te, como político, tenha torcido por seus candidatos.

Em seguida, Sarney afirmou que toda eleição deixa uma lição. "Essa lição, naturalmente, é um aprendizado. Nós temos que fazer uma reflexão sobre os resultados das eleições, analisá-los, meditar e, ao mesmo tempo, aproveitar os ensinamentos. E como toda eleição, essa vai, naturalmente, ter consequências. Outra lição que retirei dessa eleição é a certeza da linha do governo na sua opção pelos pobres, preferencialmente uma opção social".

Após essa introdução, na qual Sarney reafirmou que atenderá de forma igual a todos os Estados, mesmo aqueles onde as oposições venceram as eleições, o presidente da República respondeu a perguntas de três jornalistas — um de rádio, outro de jornal e outro de televisão.

A íntegra do discurso

Repórter: Presidente, o prefeito do Rio de Janeiro, o prefeito eleito, Saturnino Braga, disse que o resultado dessa eleição, o desempenho da Aliança Democrática nela, mostra que o governo tem que repensar a duração do seu mandato. Como é que o senhor vê essa hipótese?

Presidente: Eu acho que uma análise que se pode fazer dessa eleição é que em nenhum momento o tema da campanha foi o questionamento da duração do mandato do presidente. Me parece que esta é uma verdade nacional. Este assunto não foi um tema que tenha feito parte da agenda preferencial da campanha. Não foi tema de campanha. Pode ter sido uma afirmação esporádica de um candidato ou outro.

Repórter: Mas há um jornal dizendo, hoje (ontem) que há uma pesquisa dentro do próprio Palácio do Planalto, cujo resultado diz que 41,7% da população deseja a redução do seu mandato para 2 anos. Existe esta pesquisa aqui dentro?

Presidente: O presidente não conhece essa pesquisa feita aqui

dentro do Palácio do Planalto. É uma prova de que ela não existe.

Repórter: Presidente, em que a derrota do PMDB em São Paulo e Rio de Janeiro afetará o seu governo. Vai facilitar ou criar dificuldade?

Presidente: Não, eu acho que de nenhuma maneira, como eu disse, a derrota do PMDB no Rio de Janeiro e em São Paulo pode afetar o governo.

Eu acabo de dizer que o governo não discriminará de nenhuma maneira e com nenhum candidato.

Repórter: Presidente, neste fim-de-semana o senhor teve um encontro com o ministro da Fazenda, Dilson Funaro. Nós gostaríamos de saber: proximamente o Governo vai enviar ao Congresso Nacional um elenco de medidas econômicas para aprovação pelos parlamentares. Gostaríamos de saber quais são os pontos principais, na sua opinião, desse elenco de medidas. E caso for necessário, o senhor pretende utilizar o decreto-lei para aprovar esse elenco de medidas?

Presidente: Eu não posso antecipar essas medidas. Elas ainda estão sendo estudadas. Ainda não estão definidas. De maneira que isso me impede de fazer qualquer antecipação.

Mas eu acho que faltou uma pergunta que está na cabeça de todos. É o resultado da eleição no Maranhão.

Eu quero dizer que em nenhum momento o presidente participou da campanha. E também em nenhum momento eu tive a oportunidade de dizer o nome do candidato em que eu iria votar.

Votei no Maranhão, porque o Brasil não podia assistir a uma cena do presidente da República sentado numa agência dos Correios e Telegrafos justificando não ter votado na eleição do dia 15. Mas, quando fui ao Maranhão, em minha companhia viajaram parlamentares de todos os Partidos.

Mas há um provérbio na minha terra que diz o seguinte: A verdade é como o Manto de Cristo. Não tem costura.

E eu quero dizer agora que o candidato em que eu votei perdeu as eleições. E esta é a melhor demonstração e o melhor exemplo de que o Brasil vive uma grande democracia. Muito obrigado.